A origem judaica de famílias cearenses

Cândido Pinheiro Koren de Lima*

O *Velho Testamento* já avisara, e em duas ocasiões, sobre a origem única do homem, qualquer que seja a raça. Fizera-o inicialmente dizendo de Adão como pai único da humanidade. Como esta havia sucumbido inteiramente no dilúvio, uma segunda origem, um renascer, teria tido como novo tronco único a Noé. Coisa mais clara, mensagem perfeita é dada com ele. Segundo o *Velho Testamento*, teve três filhos: Jaffet, o branco, Shem, o moreno e Rram (Ham)[1], o negro. E novamente a elucidação da origem única da humanidade.

Recentemente o Projeto Genoma confirmou o que dizia milenarmente a Bíblia. Todos indivíduos descendem de um tronco único, e mais, este tronco é africano subsaariano.

Bem, esqueça-se isto, faça-se de conta que nada disto sabe-se. Imagine-se agora a Península Ibérica. Recorde-se sua posição geográfica. De seu ponto extremo ao sul, em dias de limpo céu, avista-se do outro lado do estreito, e a olho nu, o continente africano. E vice-versa. É de crer-se que por milênios, sempre houve um intercâmbio das populações destas duas regiões, praticamente limítrofes, onde apenas Gibraltar separa-os. Modernamente, a arqueologia entende que o homem peninsular possui três grupos populacionais primitivos a formá-lo: os ceutas mais predominantes ao norte, os fenícios-semitas mais mediterrâneos, e os iberos, originários desta migração a partir da África do Norte e mais intensos ao sul. Ao homem ibérico primevo chamou-se de ceutiberos. Não adianta sendo ibérico, ou originado deles querer fugir da origem em sangue negro.

---

* Médico. Genealogista.

[1] Aqui grafe-se Rram, deste modo, pois é a pronúncia correta do nome e não Cam, em transliteração errônea do hebraico, com toda conotação pejorativa que desta passa advir. Até o grande Aurélio Buarque de Holanda caiu nesta armadilha. A primeira letra deste nome em hebraico tem o som de "RR" e não de "K" ou "CA" como aceita o dicionarista. Em seu fabuloso trabalho, em camita lê-se: "indivíduo dos camitas, população da África do Norte, supostamente descendente de Cã, filho de Noé".

Some-se a isto o fator desencadeado pela invasão de 711. Nesta data uma tropa de berberes recém-conversos ao Islã, chefiada pelo General negro Tariq (Gibraltar é em sua homenagem) composta de 12.000 cavaleiros, derrotou o Rei Rodrigo com mais de 100.000 homens e tomou para si a Espanha. Os muçulmanos a dominariam, embora que nunca totalmente, e em área progressivamente menor, por quase 800 anos. Há que se entender facilmente que, neste período, o contingente muçulmano de ocupação mais intenso sempre foi composto de negros da África do Norte. Na segunda metade da dominação ibérica, com os almóadas e almorávidas, eles foram também o real poder peninsular. Ocuparam por 800 anos e miscigenaram-se no povo em geral e na elite goda remanescente.

Um exemplo desta última afirmação é a descendência do Rei Ramiro II de Leon (6º Rei de Leon em 930. Falecido em 950), fruto da união com uma moça rramita[2], negra da África do Norte. A moça era trineta de Aboali, chefe tribal berbere, companheiro de Tariq na conquista de 711. Ramiro II, roubou-a, converteu-a, e após mandar o filho matar a mãe, sua mulher legítima, aparentemente casou com ela. Chamou-a, conversa, de Artiga ou Ortiga. A descendência do sangue negro pré-saariano da moça Aboali, por esta via difundiu-se por toda elite documentada ibérica, casas reais da Espanha, Portugal, Brasil e de quase toda Europa.

Assim, presume-se que sendo originário da Espanha ou Portugal, há que se ter o sangue negro da África do Norte, dos rramitas (não é camita!) que sempre mantiveram fluxo migratório pelo estreito, originando o componente ibérico dos peninsulares, acentuado pela dominação de quase 800 anos. Há que se compreender isto. Difícil no entanto, é aceitar a origem de segmentos da nossa elite nordestina, que ibérica aqui uniu-se ao sangue nativo do índio, a partir de troncos negros de escravos subsaarianos. O que pesa aqui, na tal aceitação, muito mais que a origem em negros é a origem em tal condição social. É difícil de aceitar e de achar. Os negros subsaarianos escravos, apenas excepcionalmente, ligaram-se a elite dominante e documentada. São raríssimos os troncos e descendências destes. Mas existem.

Um destes troncos é excepcional, com descendência vasta importante por todo nosso nordeste, a partir de Pernambuco e Paraíba. Creio

[2] Velho Livro de Linhagens do Conde D. Pedro – Ver em *Portugaliae Monumenta Histórica*, edição da Academiade Ciências de Lisboa, chefiada por Alexandre Herculano, Lisboa 1856.

que seja a mais importante e bem documentada origem a partir de negros subsaarianos escravos.

Fala-se de Maria Gomes Bezerra. Diz Borges da Fonseca[3] que a origem dela dá-se a partir de um cavaleiro dos Bezerra, da casa e morgado de Paredes e Geraz em Viana. O moço esteve na África, a serviço ou a degredo e de lá trouxe uma moça escrava, de quem teve um filho bastardo e presume-se, mulato, nominado de Antônio Gomes Bezerra. Este é o pai de nossa Maria Gomes Bezerra. Ela casou ainda em Viana com Pedro Alves da Silveira, natural de Serpa. O casal passou a Pernambuco ao redor do ano de 1560, onde foram eles senhores primeiros do engenho Massiapé. Tiveram filhos em Portugal e Pernambuco. Em 1601 Maria Gomes Bezerra, que viveu a maior parte de sua vida abandonada pelo marido, fato pelo qual os filhos odiavam o pai, já era viúva. É neste ano que temos notícias mais interessantes sobre ela. Era amiga dos judaizantes Branca Dias e Diogo Fernandes. Uma filha dela casara com o neto do casal de criptojudeus. Por estes anos estavam presos na inquisição de Lisboa, filhas, netas do casal supracitado, além de uma filha bastarda de Diogo Fernandes. Uma filha do casal de judaizantes, Beatriz Fernandes, e uma neta Beatriz de Souza, solicitam o testemunho da velha senhora no intuito de defendê-las e livrá-las das acusações, que levaram-nas às prisões do Santo Ofício. Beatriz de Souza (Proc. Santo Ofício de Lisboa nº 4273) no processo em que é conteúda, recebe o testemunho favorável dela. Nele Maria Gomes Bezerra apresenta-se e qualifica-se. Aqui tem-se certeza do que afirmara o linhagista Borges da Fonseca sobre sua origem e etnia. Ela depõe em Olinda em agosto de 1601 e diz que tem 67 anos (n. 1534), viúva, padeira, mulata, moradora em Olinda na Rua Lopo Poiares, e que não sabia assinar o nome.

A descendência da mulata Maria Gomes Bezerra, das mais ilustres, passa a ter significado econômico e político já a partir dos filhos que foram alavancados excepcionalmente pela guerra que se teve para dominação dos nativos da Paraíba. Um filho dela, Duarte Gomes da Silveira, já nascido em Pernambuco, foi um dos conquistadores da tal Capitania Real, juntamente com o sogro, o enigmático João Tavares, o primeiro Capitão-mor Governador, de fato, da Paraíba. Com a derrota e pacificação dos nativos ele recebeu extensas glebas de terras agricultáveis,

[3] FONSECA, José Vitoriano Borges da – *Nobiliarquia Pernambucana* – Silveiras Bezerras.

onde edificou dois grandes engenhos, o Nossa Senhora da Ajuda, o velho e o Santo Antônio, o novo. Possuiu ainda muitas fazendas de criar. A tudo vinculou em 6 de dezembro de 1633, no morgado riquíssimo do Salvador do Mundo da Paraíba, para o qual teve autorização real. Era então a maior fortuna da região. Recebeu dos Reis Felipes de Espanha e Portugal o título de Marquês de Capoaba, que não confirmou-se em decorrência da derrocada dos espanhóis e aclamação de João IV. Chamara para o morgado como administrador, o filho único legítimo João Gomes da Silveira Bezerra, que faleceu solteiro em 1634, como Capitão das tropas locais no enfrentamento aos holandeses na fortaleza de Cabedelo. As tristezas não pararam por aí. Um irmão de Duarte Gomes da Silveira, mais velho que ele, pois nascido ainda em Viana, Pedro Alves Bezerra, dois anos após, em 1635, lutava no posto de Capitão de infantaria. Derrotado pelos batavos foi por eles degolado em Porto Calvo.

A invasão holandesa foi fatal para o rico senhor. Além da perda do filho legítimo único e do irmão querido, ambos mortos pelos batavos, teve seus bens muito diminuídos. Faleceu em 1644 em prisão domiciliar decretada pelos invasores. O riquíssimo morgado teve como segundo administrador, uma filha bastarda, que casou com Antônio Barbalho Bezerra, bisneto de Branca Dias e Diogo Fernandes, e permaneceu nesta descendência.

O filho mais velho da mulata Maria Gomes Bezerra, Domingos da Silveira, nascido ainda em Viana, retornou a Portugal. Formou-se em Coimbra. Em Pernambuco foi Procurador da Fazenda Real e notário do Santo Ofício. Vivia muito idoso em 1636, com 85 anos. Casara em Viana com Margarida Gomes da Silva. Sua descendência mulata, confunde-se com frequência com os Camelos, com a descendência de Branca Dias, com os Regos Barretos ou Barros e com a do oitavo filho de Jerônimo de Albuquerque e de Arcoverde.

A mulata Maria Gomes Bezerra, por via deste filho Domingos da Silveira, é o nono avô do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, chefe do movimento revolucionário de 1964 que depôs o Presidente João Goulart, sucedendo-o como tal (CP- Silveiras Bezerras 132-311-111-1).

Uma filha da mulata Maria Gomes Bezerra e Pedro Alves da Silveira, Ana da Silveira, foi a segunda mulher de Antônio Barbalho (II) neto de Branca Dias e Diogo Fernandes.

Uma filha destes últimos, Ana da Silveira e Antônio Barbalho (II) e neta da mulata Vitória Gomes que vivia em 1665, casou com Gabriel ou Matias da Costa Vasconcelos Marrecos, natural da Ilha de São Miguel e Capitão de ordenanças em Mamanguape.

Uma bisneta da mulata, Isabel Fernandes, filha de Vitória Gomes, casou com João Soares de Avelar, natural de Lisboa, filho de Manuel Soares de Avelar e Maria do Santo Antônio de Oliveira.

Um trineto da mulata, João Soares de Vasconcelos, filho de Isabel Vasconcelos foi Tenente-coronel da cavalaria. Casou com Faustina Pereira da Cunha, filha de Manoel Pereira Bulcão, natural do Fayal.

Um quarto neto da mulata, Cosme Soares Bulcão, filho de João Soares de Vasconcelos, nasceu em Pernambuco em 1740. Casou com Francisca Medeiros de Albuquerque, descendente do patriarca Jerônimo de Albuquerque, do qual Pernambuco nestes 2010 comemora seus 500 anos de nascimento. O casal migrou para o Vale do Acaraú-CE, onde fixou-se.

Um quinto neto da mulata, Antônio Soares Bulcão, filho de Cosme Soares Bulcão, nasceu em Amontada-CE em 1761. Faleceu assassinado, por um criado, em seu sítio Jacú em Uruburetama-CE em 1793, aos 32 anos de idade e 6 anos de casado. Foi o primeiro marido de Teodora Inácia Teles de Menezes, filha do Capitão-mor do Aracatiaçú Gabriel Cristóvão Teles de Menezes, e de sua segunda mulher Rosa de Santa Maria Lins.

Este quinto neto da mulata, Antônio Soares Bulcão, deixou grande e importante descendência que se espraia por todo Ceará, principalmente na Zona Norte do estado. É a origem dos Soares do Vale do Acaraú-CE e principalmente do Soares Bulcão. Entre os primeiros cita-se o Padre Sadock de Araújo, autor da *Cronologia Sobralense*, o genealogista Francisco Augusto, autor de *Soares de Araújo do Vale do Acaraú*, e este escrevinhador. Entre os segundos, o historiador Soares Bulcão e a atriz Florinda Bolkan.